



—Guerras titânicas opõem visões de mundo e lado vencedor determinará caráter de uma era

Lutas em Gaza e Ucrânia definirão nova geopolítica

Soldado ucraniano efetua disparo contra russos, na região de Zhitomir



ARTIGO

Thomas Friedman

Há muitas maneiras de explicar os dois maiores conflitos no mundo hoje, mas minhas notas taquigráficas indicam que a Ucrânia quer se unir ao Ocidente e Israel quer se unir ao Leste Árabe – e a Rússia, com ajuda do Irã, tenta impedir os ucranianos, e o Irã e o Hamas tentam impedir os israelenses.

Ainda que possam parecer muito diferentes, na realidade, essas duas frentes de batalha têm muito em comum: refletem uma luta geopolítica titânica entre duas redes opostas de nações e atores não estatais cujos valores e interesses dominarão nosso mundo pós-pós-Guerra Fria – em seguida à relativamente estável era da Pax Americana/globalização iniciada com a queda do Muro de Berlim, em 1989, e o fim do bloco soviético, o maior rival dos EUA na Guerra Fria.

Este momento geopolítico não é de nenhuma maneira trivial.

De um lado temos a Rede da Resistência, dedicada a preservar sistemas fechados e autocráticos onde o passado enterra o futuro. Do outro lado temos a Rede da Inclusão, tentando forjar sistemas mais abertos, conectados e pluralizantes, onde o futuro enterra o passado. Quem vencer os combates entre as duas redes determinará em grande medida o caráter dominante desta época pós-pós-Guerra Fria.



SAM MCNEIL/AP

Diplomacia
Hamas não quer ver Israel normalizar relações com a Arábia Saudita sem fazer concessão aos palestinos

(E caso você esteja anotando o placar em casa, a China sob o presidente Xi Jinping se esparrama por ambas as redes, juntamente com grande parte dos países da região que veio a ser chamada de sul global. Seus corações – e com frequência suas carteiras – estão com os Resistentes, mas suas mentes estão com os Inclusivos.)

A Ucrânia tenta escapar da sufocante esfera de influência russa para se tornar parte da União Europeia. Vladimir Putin tenta bloquear esse movimento porque sabe que se a Ucrânia eslava – com seu vasto talento para engenharia, Exército terrestre e rendimento agrícola – aderir à rede europeia, sua bandida autocracia eslava ficará mais isolada e deslegitimada do que nunca. Mas Putin não será derrotado facilmente, especialmente obtendo ajuda em armas de seus aliados de rede Irã e Coreia do Norte – e apoio passivo de China, Belarus e muitos países do sul global sedentos por seu petróleo barato.

Israel estava tentando forjar uma relação normalizada com a Arábia Saudita, que é o portal pa-

ra muitos Estados árabes no Oriente Médio e Estados muçulmanos no Sul da Ásia com que o Estado judeu ainda não tem relações. Mas não são apenas os israelenses que querem ver aviões da El Al (companhia aérea nacional) e especialistas em tecnologia de seu país aterrissando em Riad.

A própria Arábia Saudita, sob o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, aspira tornar-se um polo gigantesco de relações econômicas capaz de ligar Ásia, África, Europa, o mundo árabe – e Israel – em uma rede centrada no reino saudita. A visão de MBS é um tipo de União Europeia do Oriente Médio, com a Arábia Saudita desempenhando a mesma função de âncora que a Alemanha desempenha na UE real.

O Irã e o Hamas querem impedir esse movimento por razões comuns e distintas. Conjuntamente, ambos sabiam que se Israel cimentasse relações com uma Arábia Saudita recém modernizada – além das relações de Israel com Emirados Árabes Unidos, Marrocos e Bahrein forjadas sob os Acordos de Abraão

– o equilíbrio de poder entre a rede secularizante, pluralizante e mais orientada aos mercados na região e a rede mais fechada, antip pluralizante e de inspiração islamista poderia pender decisivamente contra o Irã e o Hamas, isolando-os.

O Hamas não quer ver Israel normalizar relações com a Arábia Saudita sem ter de fazer nenhuma concessão aos palestinos em termos de suas próprias aspirações por estatuto de Estado. O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, acreditou que coraria sua carreira – provando que todos os seus críticos estavam errados – ao ser capaz de firmar relações diplomáticas abertas com a Arábia Saudita, lar dos lugares mais sagrados do Islã, sem ceder nenhum bocadinho para os palestinos.

Era um objetivo irrefletido – Netanyahu deveria ter oferecido aos palestinos pelo menos um caminho para mais autonomia, mesmo que fosse apenas para a Arábia Saudita usar como propaganda domesticamente – e é Israel que está pagando o preço agora. A Arábia Saudita afirma que ainda está aberta para a normalização com os israelenses, mas apenas se Israel oferecer um comprometimento firme agora para uma eventual solução de dois Estados.

Então não deixe que ninguém lhe diga que as guerras na Ucrânia e em Gaza não são importantes ou não estão conectadas – ou que não são importantes para os EUA.

Essas guerras são em grande medida importantes para os

EUA – e agora claramente inescapáveis, já que o país está profundamente enredado em ambos os conflitos. O que é crucial manter em mente a respeito dos EUA – enquanto líderes da Rede da Inclusão – é que, neste momento, os americanos estão lutando na guerra na Ucrânia segundo seus termos, mas estão lutando na guerra no Oriente Médio segundo os termos do Irã.

BARGANHA. Por quê? Na guerra russo-ucraniana, o Exército e o povo da Ucrânia suportam o castigo total do conflito – e estão prontos para continuar a fazê-lo. Eles só pedem para os EUA e seus aliados armas avançadas e ajudas financeiras. Como os EUA poderiam possivelmente recusar? Por dezenas de bilhões de dólares e nenhum soldado americano morto, a Ucrânia infligiu um profundo revés ao Exército de Putin, que o torna muito menos perigoso para o Ocidente e para Kiev. É a maior barganha que a Otan já obteve.

Conforme a CNN descreveu recentemente, por meio de uma fonte familiarizada com o tema, uma análise de inteligência tornada pública e fornecida ao Congresso afirma que a Rússia perdeu 87% de suas tropas terrestres anteriormente à guerra e dois terços dos tanques que possuía antes de invadir a Ucrânia. Putin ainda é capaz de infligir muito dano à Ucrânia com mísseis, mas seu sonho de ocupar o país inteiro e usá-lo como plataforma de lançamento para ameaçar a Rede da Inclusão – ②